



A difícil tarefa de despedir-se

Thiago David Stadler¹

Acinzentaram-se os cabelos apesar da sempre relutante aceitação. 60 anos. Para alguns, pouco. Para outros, nunca alcançados. Para ela, sensação de pura completude, manifestada mais de uma vez. Diz, então, que ela rejeitou a doença, a morte? Não. Apenas as entendeu como próprias da natureza. Afirmou como que ansiada para acumular memórias – agora só presentes no infinito coração – de que pensava tão somente naquilo que deveria fazer naquele exato momento. Se tomava banho, pensava em banhar-se. Se andava, pensava em dar passos. Se fazia um exame, pensava em fazê-lo bem. Se ria, sentia o riso. Ensimesmada conquistou tudo o que foi. Sei que a morte rodeava seus olhos e cabelos todos os dias dos últimos oito anos. Rodeios que pouco lhe importou. No dia anterior de sua morte pediu àqueles que cuidariam de sua despedida - *não esqueçam o batom, não desprezem os cuidados*. De um corpo agastado minha mãe acautelou e decretou eterna presença. Seis meses se passaram desde então. Ainda a sua ausência arrebatava o meu peito. Nesta ausência que presentifica o nunca-mais só me restaram voz cega e olhos sorridentes. Minha mãe, uma pessoa de gostos e gestos simples, sem conhecer a Epicteto, ensinou-me a todos os momentos que a morte nada tem de terrível. Difícil tarefa esta que ela me deixou.

Agora, só no mundo encontro novo ventre.

¹ Doutor em História. Professor Adjunto B do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná campus de União da Vitória. Contato: thibastadler@gmail.com